

ATTITUDE

INTERIOR DESIGN MAGAZINE



PORTUGAL CONT. 7.50€ · BE/FR/NL 12€ · ES/IT 11.00€ · DE 13.00€ · UK 29.50€ · Suisse 15.00CHF · Morocco 110MAD



Offline

El Cosmico / Sala Equis / Swell / Wuyuan Skywells

88 JUL - AUG 2019



Pavillion Portugal: MARTINE GUTIERREZ
 Italo Rondinella. Courtesy La Biennale di Venezia.

58th International Art Exhibition – La Biennale di Venezia, May You Live In Interesting Times

www.labiennale.org

Labirinto e Bial

Se acreditarmos em lendas e antigas crônicas como sugere Jan Morris no seu livro de 1960, saberemos que Veneza foi fundada a 25 de Março de 425 ao meio dia e calhava uma sexta feira, como refere a autora. Foi neste espírito de obsessão e sedução que muitos escritores, poetas, artistas e colecionadores se relacionaram com a cidade dos labirintos de Jorge Luís Borges, e onde sempre voltamos como Marco Polo nas *Cidades Invisíveis* de Italo Calvino.

No mundo da arte esta romaria contemporânea acontece há 58 edições, a mais consagrada das bienais de arte. Este ano com o tema “May you live in interesting times” proposto pelo curador Peter Rugoff, que descreve “A 58.ª Exibição Internacional de Arte não terá um tema *per se*, mas destacará uma abordagem geral à produção de arte e uma perspectiva da função social da arte que abrange o prazer e o pensamento crítico. Artistas que pensam deste modo oferecem alternativas ao significado de ditos factos ao sugerir outras maneiras de conectar e contextualizá-los.”

A exposição apresenta 79 artistas cujas obras tentam recontextualizar o mundo com arte a partir da frase “May you live in interesting times” impressa em 1936, proferida pelo deputado britânico Austen Chamberlain que julgava estar a citar uma maldição chinesa. A frase descrevia as tensões e as sucessivas crises que antecederam a II Guerra Mundial, como o próprio Chamberlain descreveria “We move from one crisis to another”. Também hoje na alta velocidade da comunicação, na polarização das posições políticas, sociais e culturais, esta frase um pouco cínica e com sentido um tanto vago, propõe vários pensamentos; pede a cada um de nós que, na visita à Bial, reflecta nos temas que este mote desperta, sejam as alterações climáticas, a perversidade da comunicação social, as fake news e o seu impacto na opinião pública, a disparidade da distribuição da riqueza, a questão de género ou as crises migratórias, tanto económicas, como as de refúgio político.

Labyrinth and Biennial

If we are to believe in legends and ancient chronicles, as Jan Morris suggests in her 1960 book, we will know that Venice was founded at midday on Friday 25th of March, in the year 425, as the author states. It was with this spirit of obsession and seduction that many writers, poets, artists and collectors were able to relate to the city of labyrinths of Jorge Luís Borges, and which we always return to like Marco Polo in Italo Calvino's *Invisible Cities*.

In the world of art, this contemporary pilgrimage has taken place over 58 editions of the most revered art biennial. This year, with the theme “May you live in interesting times” proposed by the curator Peter Rugoff, who elucidates “The 58th International Art Exhibition will not have a theme *per se*, but will highlight a general approach to making art and a view of art's social function as embracing both pleasure and critical thinking. Artists who think in this manner offer alternatives to the meaning of so-called facts by suggesting other ways of connecting and contextualising them.”

The exhibition presents 79 artists whose work seeks to re-contextualise the world through art inspired by the phrase “May you live in interesting times” printed in 1936 and proffered by the British MP Austen Chamberlain who presumed he was quoting a Chinese curse. The phrase described the tensions and successive crises that preceded World War II, as Chamberlain himself described the period, “We move from one crisis to another”. Nowadays also, with the high speed of communication and the polarisation of political, social and cultural positions this slightly cynical phrase with a certain ambiguity proposes various ways of thinking; requiring from each of us that visit the Biennale to reflect on the themes that this slogan might awaken, such as climate change, the perversity of social communication, fake news and its impact on public opinion, inequality in the distribution of wealth, the gender question and migratory crises, be they provoked by economic factors or the need for political asylum.

Pavilion of Madagascar: GABRIEL RICO
 Francesco Galli Vierbo. Courtesy La Biennale di Venezia.





CAROL BOVE, Various works, 2017-2019
 ☒ Maris Mezulis. Courtesy La Biennale di Venezia.

As propostas dos artistas escolhidos por Peter Rugoff para as duas exposições principais, uma intitulada "A" no Pavilhão Central, na zona dos Jardins, e outra simplesmente "B" no Arsenal, resultam numa policromia de intenções e numa enorme e intensa mostra, um caleidoscópio de imagens que exige ordem e rigor para conseguir compaginar a informação. Nesse percurso, o trabalho subtil de Suki Seokyeong Kang, as esculturas plásticas da norte-americana Carol Bove, o trabalho sobre o lugar da mulher indígena e do corpo de Martine Gutierrez, e os objectos de Gabriel Rico, que compõem uma nova gramática entre elementos não óbvios, são alguns dos nomes que destaco no universo criado pelo curador geral.

Também nos Jardins e no Arsenal, antigo depósito naval veneziano, encontramos a maioria das 90 representações nacionais; fora do recinto espalham-se um pouco por toda a cidade, obrigando-nos a criar um mapa próprio da *Serenissima*, uma cartografia pessoal que se rege pelas escolhas que fazemos.

As duas grandes estreias desta edição são o Pavilhão do Gana, com arquitectura de David Adjaye, coerente com o seu contexto, onde a narrativa e o nome do pavilhão são originários da música *Ghana Freedom*, escrita por E. T. Mensah em 1957, anterior à independência do país do Reino Unido. Entre outros nomes, refiro El Anatsui, com uma instalação de uma força cromática tão táctil quanto reveladora das suas referências locais. Outra estreia é o pavilhão de Madagáscar, com uma instalação de grande escala de Joël Andrianomearisoa, um projecto sedutor do artista que já, mais de uma vez, mostrou o seu trabalho em Portugal.

The proposals of the artists selected by Peter Rugoff for the two main exhibitions, one of them called A, in the *Giardini* area, at the Central Pavilion, and the other, simply, B, in the *Arsenale*, lead to a multi-coloured range of intentions and a vast and intense exhibition, a kaleidoscope of images that requires order and rigour in order to be able to sequence and process the information. In this experience, the subtle work of Suki Seokyeong Kang, the plastic sculptures of the North American Carol Bove, the work on the place of the indigenous woman and body by Martine Gutierrez and the objects offered by Gabriel Rico, which comprise a new grammar between unobvious elements, are just some of the names I can highlight in this universe created by the general curator.

Also, in the *Giardini* and in the *Arsenale* – the former Venetian naval deposit – we find most of the 90 national representations; beyond these areas, they can be found scattered around the city, obliging us to create our own map of the *Serenissima*, a personal cartography defined by the choices we, ourselves, make.

The two major debuts in this edition are the Ghana Pavilion, with architecture by David Adjaye, which reveals coherence with its context, where the narrative and name of the pavilion are provided by the song *Ghana Freedom*, composed by E. T. Mensah in 1957, before the country's emancipation from the United Kingdom. Among other names, I also mention El Anatsui, with an installation with remarkable tactile chromatic power regarding its local references. Another debut is to be found at the Madagascar Pavilion, with a large scale installation by Joël Andrianomearisoa, a seductive project from this artist who has already exhibited his work in Portugal on more than one occasion.



Pavilion of the Grand Duchy of Luxembourg: MARCO GODINHO
 ☒ Italo Rondinella. Courtesy La Biennale di Venezia.



Pavilion of Ghana: EL ANATSUI
 ☒ Italo Rondinella. Courtesy La Biennale di Venezia.



SUKI SEOKYEONG KANG
 ☒ Francesco Galli Viterbo. Courtesy La Biennale di Venezia.



Pavilion of the Grand Duchy of Luxembourg: MARCO GODINHO
 ☒ Italo Rondinella. Courtesy La Biennale di Venezia.

Uma rampa de cadernos mergulhados no Mediterrâneo remete-nos para as histórias que se dissolveram nas águas que separam a Europa de África, num gesto que tudo diz, obra do luso descendente Marco Godinho na representação do Luxemburgo dentro do recinto da Bienal. Perto da *Ponte Dell'Accademia*, Portugal faz-se representar pela artista Leonor Antunes, onde a transformação do Palácio Giuliani Lolin é notável: o trabalho que cria para esta exposição move-se num plano entre a arquitectura, o design e a arte contemporânea numa homenagem a Carlo Scarpa, Franco Albini, Franca Helg, Savina Savieri e Egle Trincanato.

Amostra, como sempre, quer pela sua dimensão e quer pelas características urbanas e arquitectónicas do lugar que a acolhe, revela-se um tanto difícil de compreender na sua totalidade, mas talvez disso mesmo se trate a ida à Bienal – num mimetismo com a cidade, a Bienal faz-se de labirintos e de leituras incompletas e subjectivas criadas por cada um de nós no nosso próprio percurso. ▲

A ramp of notebooks plunging into the Mediterranean alludes to the stories that have dissolved in the waters that separate Europe from Africa, in a gesture that says it all, which is the work of the Marco Godinho, of Portuguese descent, representing Luxembourg within the grounds of the Biennale. Close to the *Ponte Dell'Accademia*, Portugal is represented by the artist Leonor Antunes, where the transformation of *Palazzo Giuliani Lolin* is remarkable; the work she created for this exhibition operates on a plane between architecture, design and contemporary art in a tribute to Carlo Scarpa, Franco Albini, Franca Helg, Savina Savieri and Egle Trincanato.

The exhibition – as always – due to the dimension and urban and architectural characteristics of its setting, can appear somewhat difficult to comprehend in its entirety but, perhaps, this is what going to the Biennale is about – like an mimicry of the city, the Biennale is made up of labyrinths and incomplete and subjective interpretations created by each one of us while following our own personal path. ▲



EVOKE



90x90
NR_TC



60x120
NR_TC



60x60
NR_TC_ASR

MARGRES
CERAMIC TILES

SHOWROOM AVEIRO
ZONA INDUSTRIAL DE AVEIRO

SHOWROOM LISBOA
PARQUE DAS NAÇÕES

MARGRES.COM

Pavillion Portugal: LEONOR ANTUNES
Andrea Avezzi, Courtesy: La Biennale di Venezia.

A 58.ª Bienal de Veneza está patente até dia 24 de Novembro de 2019.
The 58th Venice Biennale is open until 24th of November, 2019.